

r e s e n h a





12

Resenha recebida em: 11/09/2016

Resenha aprovada em: 15/09/2016

DOI 10.5380/2238-0701.2016n12p267-275

Para descobrir os “Massive Open Online Course”.





Para descobrir os MOOC¹

Pour découvrir les MOOCs

To discover MOOC

MONIQUE GRANDBASTIEN²

POMEROL, Jean-Charles; EPELBOIN, Yves; THOURY, Claire. **Les MOOC:** Conception, usages et modèles économiques. Dunod, 2014.

¹ Tradução de Lia Raquel Oliveira

² Professora Emérita em Ciências da Computação, Universidade da Lorraine, França, Monique. E-mail: grandbastien@loria.fr

A DMS lançou em 2014 uma reflexão sobre os MOOC, e Patrick Guillemet propunha na DMS 1/2014 uma “visita meditativa em jeito de *Quadros de uma Exposição*” dado o excesso de textos e outros blogues sobre o assunto. Faltava, com efeito, uma obra simples e completa para iniciação ao mundo dos MOOC, lacuna esta preenchida com este livro. O objetivo está bem resumido na capa:

este livro traz respostas às questões que muitos se colocam, o que é um MOOC, quem pode ou deve formar-se com um MOOC, como realizar um MOOC, quais são as plataformas disponíveis para desenvolvê-los, que diploma ou certificação se pode obter, os MOOC vão revolucionar o ensino e as instituições ou não, simplesmente, fazer evoluir a pedagogia e oferecer um formidável utensílio de formação ao longo da vida? (POLMEROL; EPELBOIN; THOURY, 2014).

Costumamos dizer que os MOOC recobrem fenômenos demasiado diversos e complexos para que possam ser definidos e descritos de forma simples. Contudo, é o que fazem os autores, no primeiro capítulo, recolocando o fenômeno MOOC na corrente da formação a distância, tornada formação online. O esquema histórico extraído da Wikipédia ilustra bem o aparecimento do termo em 2008 com G. Siemens e o desenvolvimento a mais larga escala a partir de 2011-2012 nos Estados Unidos da América, e depois na Europa. As principais características (massivo, aberto, online) são explicitadas e ilustradas com exemplos. Para permitir ao leitor dominar a diversidade de propostas, os autores propõem organizá-las em grandes categorias.

O capítulo dois convida o leitor a concretizar a visão descriptiva que obteve no capítulo precedente. Como se constrói um MOOC? “Na sua conceção de partida, um MOOC não é diferente de um ensino convencional”, afirmam os autores, ou seja, diferente de uma aula universitária cujos objetivos e conteúdos são definidos pelos professores. Os autores explicam, então, como conceber, realizar e pôr em marcha um MOOC de tipo aula universitária, distinguindo os custos e dificuldades relativos a cada fase. O capítulo, também muito completo, tem o grande mérito de abordar assaz detalhadamente a questão dos meios (quadros com custos em horas de trabalho para as diferentes categorias de pessoal) e da agenda de realização dividida em 16 tarefas; comporta informações preciosas, raramente encontradas juntas, para esclarecer as escolhas das equipas dirigentes. Precisemos, porém, para os nossos amigos francófonos, mas não franceses,

que os cálculos financeiros foram feitos sobre os custos praticados nas universidades francesas e podem ser diferentes noutros países.

Os capítulos precedentes passaram ao de leve pelo público-alvo, o capítulo três é-lhe felizmente consagrado. “Não há fronteiras nem limites”, escrevem os autores, e podemos acompanhá-los nesta visão introdutória um pouco teórica. “Também não há nível, podemos dirigir-nos tanto a crianças do primário quanto a doutorandos” e, aqui, não posso concordar, pois esta afirmação “teórica” é contrária a todas as afirmações no terreno. Com efeito, todas as observações mostram a necessidade de um certo grau de autonomia na aprendizagem para acompanhar um MOOC, mesmo se bem tutorado, e o que recobre o conceito atual de MOOC não parece estar adaptado a alunos menores de, pelo menos, 16 anos e mesmo até ao final do ensino secundário.

O MOOC sobre a história da cidade de Paris para a escola primária, citado como exemplo, podendo ser, em minha opinião, um utensílio útil para os professores, será um MOOC para os alunos? É certo que existe a exceção da Khan Academy que se dirige à públicos de nível escolar, com espaços dedicados aos professores e aos pais. Mas a iniciativa Khan Academy é anterior ao lançamento dos MOOC e adotou, precisamente, uma abordagem diferente. Seria então preciso explicitar continuum e rutura entre os MOOC e outras formas de cursos online.

Aliás, os autores mostram-no logo na página seguinte, indicando que o público-alvo constatado tem mais de 28 anos de idade e já não é estudante no sentido “de estar inscrito num estabelecimento de ensino superior”, sendo constituído maioritariamente por profissionais. Insistem nos novos públicos (os que não podem vir à universidade) e sobre a forte procura de formação vinda da África francófona e, também, da Ásia do sudeste e da América latina. Espanta-me, porém, que, após terem justamente insistido sobre estes potenciais participantes, os autores fiquem silenciosos relativamente aos aspectos culturais associados a qualquer ambiente de aprendizagem. Com efeito, por um lado, não é desejável do ponto de vista pedagógico tentar fornecer as mesmas aulas a toda a gente (os aprendentes vão poder beneficiar das suas referências culturais para aprender ou, pelo contrário, vão ter de acumular dificuldades ligadas ao conteúdo e dificuldades ligadas à cultura?).

Mas onde começa a diversidade? Como levá-la em conta? Nos

conteúdos? Na mediatização? Nos modos de tutoria e de interações sociais? Por outro lado, é perigoso, de um ponto de vista do respeito pelas diversidades regionais, não se colocar de imediato esta questão (o mesmo curso, muitas vezes oriundo dos EUA, com uma duração predeterminada, traduzido para todo o planeta?), e lamento que pouquíssimos documentos a abordem atualmente.

O capítulo apresenta em seguida os diferentes usos que as instituições fazem dos MOOC (produto de oferta local ou internacional, novos serviços em formação inicial – atualização, aulas invertidas, formação ao longo da vida). A questão crucial da certificação ou da diplomação é abordada com exemplos de soluções. Outra questão não é abordada e não poderá ficar muito tempo sem resposta, que é a da expressão das necessidades dos participantes atuais e potenciais, nomeadamente para os aperfeiçoamentos e requalificações ao longo da vida. Há, certamente, a inventar e propor meios de análise individual e coletiva das necessidades através do conjunto das trocas sociais associadas aos MOOC.

O capítulo quatro vem prolongar a reflexão sobre os custos, introduzida no capítulo dois, adotando, desta vez, o ponto de vista do financiamento. Esta questão é muitas vezes debatida sob a designação de modelo econômico dos MOOC e pode ser formulada em termos simples: quem paga para conceber, realizar e animar um curso online? Que retorno sobre o investimento podemos esperar? Para além das tradicionais taxas de inscrição ou de diplomação ou adaptação para a formação contínua, para além dos nichos temáticos que alimentam start-ups, os autores evocam as fontes a maior parte das vezes ocultas aos inscritos nos MOOC e à comunidade mais vasta de utilizadores indiretos.

Trata-se das pistas de interação deixadas por cada participante. Estas podem ir da identidade às horas de trabalho, ao tempo de frequência da plataforma, às intervenções nos forums e às respostas aos exercícios propostos. Tocamos aqui em questões legais e éticas de relevo: quem é o proprietário destes dados e que garantias dá sobre o seu anonimato? Efetivamente, estes dados são registados, para o melhor (melhorar as aulas detetando o que foi mal compreendido, adaptar as retrações aos aprendentes, leia-se, propor bolsas aos melhores alunos) e para o pior (memorizar, utilizar, leia-se comercializar os resultados e perfis dos aprendentes à revelia destes últimos).

Com estes quatro capítulos, os autores responderam efetivamente às principais questões listadas precedentemente, pelo menos àque-las que dizem respeito ao presente, resta falar do futuro. Os autores consagram-lhe dois capítulos, um intitulado perspetivas e polêmicas, centrado sobre as paixões e questões que agitam os meios do ensino superior, a propósito dos MOOC; o outro, deliberadamente orientado para o seu entendimento de um futuro para os MOOC e as suas propostas de ações.

A propósito da influência dos MOOC sobre a organização futura das universidades, os autores lembram, pertinentemente, o que é uma universidade — um local de criação de saber — e o que é um estudante entre 18 e 25 anos — um jovem que vem procurar construir-se com outros, tanto quanto adquirir conhecimentos. Uma sequência de MOOC não preencherá essas funções, sendo, portanto, pouco provável que as aves de mau augúrio que predizem o fim das universidades tenham razão.

Em contrapartida, a pedagogia nas universidades transformar-se-á cada vez mais, apoiando-se no digital, e os que esperam que esta nova bolha rebente para nada mudar estão provavelmente errados. Os autores insistem, em particular, sobre o desenvolvimento de SPOC (*Small Private Online Course*), aulas online privadas, quer dizer, reservadas ao pequeno grupo de estudantes inscritos na universidade. Além do mais, com o desenvolvimento da aprendizagem ao longo da vida, o público universitário já não se reduz de todo à faixa etária evocada acima. E estes outros públicos já manifestaram o seu interesse, mesmo entusiasmo pelos MOOC.

Para além das polêmicas relativas à instituição universitária, os autores propõem no último capítulo algumas linhas de reflexão e de ação. Retive, nomeadamente:

- os portais de MOOC ligados aos estabelecimentos
- as casas de MOOC para assistir os concetores e realizadores
- a formação de tutores
- as casas de formação digital onde os visitantes encontrariam MOOC escolhidos em função das especificidades e necessidades locais. Estas pistas não são revolucionárias, mas permitem seguramente continuar a explorar um universo ainda instável e apelar a profundas evoluções que ainda não imaginamos.